

Capítulo 15

LIA E NILSON
BITTENCOURT

julho, 2019

VOZES DA
AGRICULTURA
ecológica II

Laércio Meirelles





julho, 2019

Lia e Nilson

BITTENCOURT



Lia e Nilson são apaixonados pelo que fazem. Isso fica claro na conversa com eles, e não falo apenas por essa manhã, em julho de 2019, que passamos juntos, recordando suas trajetórias. Sempre foi assim. Lia é de sorriso fácil e sua empolgação pelo trabalho contagia quem conversa com ela. Nilson é mais contido, parece refletir mais antes de falar, mas é certo nas suas sentenças e não menos apaixonado pelo trabalho. Mesmo quando falam das suas idas e vindas, de algumas colheitas frustradas ou vendas mal sucedidas, a certeza pela opção que fizeram permanece.

Casaram-se em 1996 e foram morar em uma casa que construíram nas terras do pai dela, na comunidade de Rio Bonito, município de Morrinhos do Sul, Litoral Norte do Rio Grande do Sul. No mesmo lugar onde vivem hoje, 23 anos após. Lia volta no tempo:

- Essa casa é onde tínhamos um galpão de tirar leite. Brinquei muito aqui de esconde-esconde.

Nilson é de outra comunidade, denominada

Perdida, no mesmo município. Quando casaram, a opção, não tendo terras próprias, foi cuidar dos bananais de outros. Faziam tudo: tratos culturais, compra de insumos, colheita e uma parte do que ganhavam era do dono da terra. Essa situação não apontava para um futuro promissor e eles resolveram apostar no tomate. Comum que agricultores façam isso.

Em toda a região, e não apenas nesta, sempre existiram histórias de um ou outro produtor que ganhou muito dinheiro plantando tomate, pimentão, pepino ou algo que o valha. As histórias de sucesso são vendidas facilmente, entre um gole e outro, nas bodegas, nas conversas na comunidade ou por dica de algum técnico, muitas vezes, aguçada pelo interesse em vender insumos. Essas histórias costumam ser citadas como exemplos a serem seguidos. Aquelas outras, em número muito maior, de investimentos pesados em arrendamento, sementes, fertilizantes, agrotóxicos e mão de obra, tendo como retorno colheita frustrada ou vendas a preços aviltados, são menos propagadas, até porque as derrotas costumam ser mais silenciosas. E, ao fim, a culpa dos fracassos é sempre de um acontecimento fortuito, do clima que “trabalhou mal” ou de insetos e fungos, nessa cena visto como inimigos arbitrários. A culpa nunca é do modelo de produção, que garante a venda de insumos e os ganhos das empresas, mas não asseguram lucro aos agricultores. Para esses, os gastos e riscos são certos, e eles nem sempre vêm acompanhados dos benefícios imaginados.

O caso deles foi de relativo sucesso com o tomate. Não que tivessem ganhado muito dinheiro, mas não tiveram prejuízo. De todos modos, assustaram-se com a quantidade de agrotóxicos que aplicaram. Nilson conta que nunca gostou de utilizar veneno, tanto pela sua saúde quanto pela do consumidor. Quando já pensava em desistir do tomate, justamente para fugir dos venenos, ouviu falar da Acert – Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres.

- Comecei a participar de umas reuniões com eles, aqui mesmo,

no município, mas não encaixou. Eles estavam meio fechados, não pude me associar. Mas nos apoiaram, junto com o Centro Ecológico, a formar um novo grupo. Isso foi por volta de 1999.

Já existia, no município, o grupo Apemsul¹ e o grupo Costa Verde, esse último, na comunidade vizinha, Chapecozinho, ambos de agricultores ecológicos. Mas o desejo de um novo conjunto de interessados acabou por criar a necessidade de que esse novo grupo fosse organizado. O Centro Ecológico sempre teve como estratégia de trabalho o estímulo a grupos ou associações com um pequeno número de sócios, permitindo a efetiva participação de todos. Nilson lembra-se de alguns nome das comunidade que estiveram juntos nesse primeiro momento:

- Éramos eu, o Catiça, o Gildo e seu filho, Lenilson². E mais alguns. Foi um começo difícil, tínhamos mercado quase só para banana, em Caxias do Sul. E eu não tinha banana!

O Grupo Rio Bonito foi o primeiro a ter uma câmara de climatização da banana ecológica. Isso no início dos anos 2000. Os primeiros 10 anos de comercialização da banana no âmbito do nosso trabalho foram de dificuldades e muitos aprendizados, para amadurecer a fruta de forma uniforme e em pequenas quantidades. Com o baixo volume produzido, não se justificaria a construção de uma estrutura específica. Usávamos tinas de madeira, caixas d'água ou mesmo buracos no chão revestidos com plástico. Hoje, existem várias câmaras de climatização de banana ecológica



¹ Associação dos Produtores Ecológicos de Morrinhos do Sul

² Lenilson hoje é um ativo comerciante de banana, desenvolvendo essa atividade tanto em nome pessoal quanto em nome da Econativa – Cooperativa de Produtores Ecológicos com associados no Litoral Norte do RS e na Serra Gaúcha.

na região, construídas a partir do crescimento da produção e da comercialização.

Lia conta:

- Pois é, como nós não tínhamos banana, começamos com tomate, que é o que gosto mesmo de trabalhar. Plantamos verduras também, para vender na Coopet³ e na Ecotorres⁴. O tomate, além de vender nesses lugares, era para as agroindústrias da Aecia⁵ processarem, fazendo massa e molho.

Nunca entraram na onda de fazer feira em Porto Alegre, ainda que alguns dos seus produtos tenham sido comercializados na FAE (Feira dos Agricultores Ecologistas), através da Acert. Algumas vezes, a própria Lia foi para ajudar a vender.

A feira em Porto Alegre é um mercado diferenciado. Na verdade, hoje devemos nos referir a feiras, ao longo dos anos multiplicaram-se, e hoje, passam de cinco dezenas. Sem acessá-las, o casal Lia e Nilsinho tiveram que se esforçar muito para encontrar mercados para seus produtos. Além dos já citados, venderam por algum tempo para três pontos de venda que existem em Caxias do Sul, geridos por entusiastas da Agricultura Ecológica. Um deles é da família Rossi, que produz ecologicamente há mais de vinte anos, e outros dois do Andrei Cargnino e sua mãe, Arnete, denominados Fruteira Ecológica.

Nos primeiros anos, com mercados incertos e ainda com pouca experiência na produção ecológica, o casal resolveu dar um passo



³ Coopet – Cooperativa de Consumidores de Produtos Ecológicos de Três Cachoeiras

⁴ Ecotorres - Cooperativa de Consumidores de Produtos Ecológicos de Torres

⁵ Aecia – Associação dos Agricultores Ecologistas de Ipê e Antônio Prado

ousado: comprar a sonhada terra, deixar de trabalhar em áreas arrendadas. Lia conta:

- Havíamos feito dinheiro com uma malha de tomate e com outras verduras. Foi quando resolvemos comprar uma terra. Demos a entrada e compramos o terreno, contando com as colheitas futuras para pagar as prestações. Não deu certo, foi quando nos endividamos e demoramos a nos recuperar.

O casal nunca teve medo do trabalho que a produção exige, mais ainda as hortaliças ecológicas. Mas algumas das suas inserções no mercado não foram bem sucedidas. Uma delas, nos anos de 2008 e 2009, foi para um empreendimento denominado Sabor Orgânico, que se propunha a ser um entreposto que compraria, embalaria e revenderia produtos ecológicos aos supermercados. Não foi a única iniciativa desta natureza que vi fracassar, na tentativa de comprar e vender produtos orgânicos. Isso a despeito da boa vontade e honestidade do empreendedor da vez. Nilsinho conta:

- Em dado momento, parecia que seria a salvação da lavoura. Chegamos a plantar dois hectares de cebola para o Sabor Orgânico. Foi bom, vendemos bem, mas no ano seguinte plantamos de novo e a colheita não foi tão boa. E a empresa também foi mal nos negócios, acabou falindo.

Ainda pressionados pela necessidade de pagar a terra e os empréstimos, tentaram produzir batata, equivocadamente chamada de inglesa, por três anos. Agora é Lia que relembra o ocorrido:

- Foi bom, ganhamos um bom dinheiro, mas desistimos pela dificuldade de controlar a requeima e outras doenças. Foi a mesma coisa com o tomate, fomos obrigados a parar; perdemos muito dinheiro tentando, mas não deu certo. Depois de três anos de prejuízo, deixamos o tomate. Mas é a lavoura que mais gosto de trabalhar.

Não vou descrever aqui todos os esforços que o casal fez para buscar conciliar a produção com o mercado, equacionando dívidas

e estabilizando renda. Posso afirmar que foram muitos. Mas vou comentar sobre dois momentos.

Um deles foi quando Nilsinho resolveu plantar tomate convencional para saldar suas dívidas. Foram 10 mil plantas e, outra vez, a soma mágica: planto tanto, gasto isso, vendo aquilo. Na conta hipotética, um lucro promissor. Não foi bem assim:

- Eu não conseguia usar veneno e pensar que outros iriam comer aquilo.

Mesmo assim usou, e as doenças vieram da mesma forma. Não me surpreendo. Ele completa:

- Acho que talvez tenha usado menos do que precisava. Eu adia, era para usar hoje, usava daí a três dias.

Não sei se é esta a explicação para a colheita mal sucedida. Tomate é um caso à parte. Ao longo da vida, vi muitas belas lavouras ecológicas de tomates. E também, inúmeras vezes, observei agricultores convencionais usarem todos os venenos que tem “direito”, e até os que não tem, mas não conseguirem boa colheita. Nesses casos, fica a dívida, o ganho das empresas está assegurado.

Não foi o que esperavam. A lavoura convencional não resolveu o problema econômico. Lia:

- Piorou, nos afundou mais ainda.

Em casos assim, se questionamos os vendedores que tal ou qual produto químico não surtiu o efeito desejado e prometido, ouvimos sempre a mesma resposta: “o agricultor não deve ter utilizado da forma correta”. Nesses momentos, lembro-me da célebre frase do Homer Simpson: “a culpa é minha, coloco ela em quem eu quiser”.

Tem mais um detalhe. Segundo nos conta Francis Chaboussou e sua esclarecedora Teoria da Trofobiose, os venenos tendem a desequilibrar o metabolismo da planta, aumentando a proteólise (quebra de proteínas) ou inibindo a proteossíntese (síntese de proteínas). Como consequência, acúmulo de aminoácidos

disponíveis, alimento preferencial de insetos, ácaros ou patógenos. A Teoria da Trofobiose é, assim, ao menos parte da explicação do porquê de tantos fracassos na produção, mesmo quando utiliza-se todo o pacote tecnológico, equivocadamente, adjetivado de moderno

Outro momento que quero mencionar na saga do casal em viabilizar-se dentro da produção ecológica, foi quando decidiram envolver-se, de forma intensa, na colheita do açaí na região, no caso, a palmeira juçara, que tem sido denominada, também, de açaí juçara. Isso ocorreu há pouco tempo, em 2016 e 2017. Lia conta:

- *Em 2017, colhemos 7 mil quilos, vendemos para a agroindústria da Coopernativa⁶. A coisa estava feia, foi o açaí que nos salvou as finanças neste ano.*

É necessário muita disposição, muita, para colher 7 toneladas de açaí nessa região, já que os agricultores não têm tanta prática e, tão pouco, equipamentos adequados. O Centro Ecológico, desde 1996, vem incentivando o plantio de juçara consorciado com as bananeiras, como estratégia de preservar a espécie e gerar renda. Deixo aqui, registrado, mais uma vez, que foi o Jorge Vivan que nos trouxe essa ideia.

Tem algo de muito bonito em saber que foi essa planta, fundamental para a conservação do bioma e que alguns julgam ameaçada de extinção, a ponte que permitiu a Lia e Nilsinho darem um passo para sua melhoria econômica.



⁶ A Coopernativa é uma cooperativa que surgiu na região de Torres, a partir dos esforços de um grupo de técnicos, consumidores e produtores envolvidos com frutas nativas, com ênfase no açaí juçara. Ao longo dos anos vem se estruturando lentamente e, atualmente, cumpre um papel importante na comercialização de frutos nativos.

Nunca se sabe de onde virá a solução para nossas dificuldades, eles nunca imaginaram que seria a juçara que os ajudaria. Fico me perguntando se o anjo se fez planta ou se a planta se fez anjo...

Bom, vamos resumir o dilema do casal. Compraram terra e não conseguiram pagar como imaginavam, pois o tomate não se mostrou lucrativo como projetado. As demais hortaliças tampouco. Apelaram para o tomate convencional, colheram prejuízos financeiros temperados com amarguras, por vender veneno para quem esperava comprar alimentos. A *apanha* do açaí foi muito boa em uma safra, mas é característica desta planta, na região, oscilar muito sua produção, não sendo possível pensar em estabilidade de renda apenas com sua coleta. E, tampouco, coletar açaí em terras alheias era visto como solução de médio prazo, foi uma emergência financeira que os levou a este caminho.

Como encontrar o necessário equilíbrio econômico?

A solução para esta equação veio, podemos dizer, da velha e boa banana.

Ainda antes da colheita do açaí, e vendo-se afogado por dívidas, Nilsinho convenceu a Lia de que deveriam plantar bananeiras, o que fizeram em 2015. A área plantada foi significativa, 4 hectares.

- Eu não gosto de trabalhar na banana, eu vou porque é nossa renda principal. Dá uma cosquinha na mão de vontade de plantar tomate... Ano passado eu até aceitei trabalhar como diarista em lavoura de tomate convencional, só por saudade da planta.

Lia conta isso com seu sorriso franco, como quem conta uma travessura. Não posso deixar de sorrir também... é assim, a vida às vezes nos obriga a nos adaptarmos a seus caminhos...

Tem algo que não mencionei ainda. Durante toda essa saga, Lia seguiu com uma horta de ½ hectare, perto da sua casa, área que é arrendada do pai, onde planta brócolis, couve-flor, repolho, cenoura, couve, tempero verde, alface (4 variedades), rúcula e muito mais. Interessante ver que ela não levanta canteiro, o que confere à

horta um visual de mosaico, com formas variadas se encaixando, mais curvo, menos esquemático que os canteiros retangulares costumam ser. Gosto bastante disso. A terra, com boa drenagem e bem estruturada, permite essa prática.

Para vender o que produz, há um fato que reputo como muito interessante. Lia foi achar o seu espaço de comercialização não na longínqua capital, mas na pequena Morrinhos do Sul, na praça, como os moradores do interior costumam referir-se à sede do município. Todas as sextas-feiras, de manhã, ela passa de casa em casa, deixando seus produtos.

- É gostoso, tem pessoas que esperam para conversamos um pouquinho. Tem umas vós que ficam felizes quando eu chego! E se o freguês não está em casa, já sei até o que posso deixar, ele paga depois;

Vale mencionar que a sede de Morrinhos do Sul tem menos de 2 mil habitantes, quase todos eles com familiares trabalhando na agricultura. Essa comercialização, em ambiente tão rural, é consequência da especialização dos agricultores em apenas um cultivo, nesse caso banana ou arroz, e da busca crescente por produtos orgânicos, que tem encontrado eco mesmo nas cidades pequenas, muito pequenas. Comento isso e Lia me responde:

- *Minhas freguesas costumam falar, meio envergonhadas: “eu comprando verdura da Lia, parece que não tenho terra para plantar, que moro sobre pedras”.*

De fato, curioso esse mercado para produtos orgânicos em localidades como a sede de Morrinhos do Sul. Sigo ouvindo:

- *A Marília, sobrinha da Regina e do Mauri (produtores da Acert), montou uma fruteira na praça. Pensei em parar as entregas, mas minhas freguesas não querem que eu pare, na verdade até duvidam. Uma delas disse: “Lia não vai parar nada, ela não para nunca!”.*

Vou conversando e posso ver o mercado se montando. A fruteira

tem uma das suas paredes reservada só para os produtos ecológicos. Agricultores das comunidades vêm comprar. Na sexta-feira, Lia deixa alguns produtos nas lojas, inclusive alguns que vêm outros lugares, por ter uma rede de relações já estabelecidas.

- Muitos me perguntam se dá para confiar na dona da fruteira, eu disse que sim. Ela compra cenoura do Chicão, beterraba e moranga da Rosane, tomate e uva vêm pelo Circuito da Rede Ecovida, através da Econativa. Vamos buscar em Três Cachoeiras e entregamos em Morrinhos.

Deixa eu tentar fazer o leitor entender o que nos contou a Lia, em breves palavras. O Circuito de comercialização da Rede Ecovida de Agroecologia transaciona produtos ecológicos em todo o Sul e mesmo fora dele. Caminhões e caminhonetes viajam carregando e descarregando produtos, com roteiros pré-estabelecidos, em reuniões sistemáticas que as lideranças do Circuito organizam. A Econativa é uma Cooperativa de Agricultores Ecológicos que atua na Serra Gaúcha e no Litoral Norte do RS. Lia e Nilsinho são sócios fundadores da Econativa. O Grupo Ecológico de Rio Bonito, o qual eles integram, são ativos na Econativa e no Circuito. Em Três Cachoeiras, município vizinho de Morrinhos do Sul, está uma das sedes da Econativa. O Circuito deixa produtos lá, Lia se abastece, vende um pouco, sempre em conjunto com os que planta, e entrega para a fruteira. Não sei se consegui fazer-me compreender, mas posso garantir que é lindo ver essa Rede Solidária de Produção e Circulação de Produtos Ecológicos operando.

Através dessa dinâmica, Lia pode fornecer produtos de outros agricultores da região ou de fora, mesmo não sendo muito lucrativo. Por exemplo, a uva, que vem da serra, e ela repassa apenas para manter seu negócio e os clientes satisfeitos.

Vamos voltar às bananas, atualmente o cultivo principal da família. Como já dissemos, em 2015 plantaram 4 hectares. Nos últimos anos, arrendaram outros 12, de 3 proprietários diferentes,

mais ou menos 4 hectares cada um deles. A venda está boa, estruturaram-se com um trator que facilita os tratos culturais, resolveram apostar alto. Nesse breve relato, já aprendemos que é o estilo deles...

Nilson:

- *Agora chega, 16 hectares está bom. O último bananal arrendamos há poucos dias. Foi pensando no filho, tentando estimular ele a cuidar de uma lavoura e ter sua renda própria.*

- Mas os proprietários deixam você conduzir os bananais sem venenos?

- *Só arrendo se for para fazer ecológico, essa é minha condição!*

São dois filhos, a Taís, que nasceu em 2006, e o Douglas, nascido em 2004, tendo eles, portanto, 13 e 15 anos. Como quase todo jovem, Douglas tem dúvidas se quer permanecer na agricultura. O trator ajuda, diminui a penosidade do trabalho, além de ser um brinquedinho que todo jovem gosta de lidar. E não apenas os tão jovens...

As áreas dos bananais não são contíguas, algumas estão relativamente longe, uma delas fica a 15 quilômetros de distância. Existe toda uma logística estabelecida, tarefas a serem cumpridas, muitas vezes vão para bananais diferentes, cada um na sua moto. O manejo é semelhante ao que outros produtores ecológicos fazem. Utilizam esterco comprado, desbrotam e desfolham as bananas, ensacam o cacho com plástico, principalmente no inverno, para proteger do vento e do frio. Mantêm vegetação espontânea roçada (para isso usam trator ou roçadeira manual), pulverizam óleo mineral com um produto comercial à base de ácido peracético. No último ano, prepararam e aplicaram o biofertilizante enriquecido supermagro, mas não sabem se prosseguirão.

Andando no bananal, quase todo de caturra, vemos cachos muito bonitos, grandes, alguns, seguramente, com mais de 40 quilos. Observo plantas amarradas umas às outras, exatamente

para que não caíam ao peso do cacho.

O solo é todo coberto com vegetação e observo muitas palmeiras juçara plantadas, já com 1 ou 2 metros de altura:

- Plantei uma muda a cada 12 metros. Algumas árvores também, para dar abrigo às bananeiras. Sempre na linha das bananas, para poder passar nas entrelinhas com o trator.

Isso no pomar próprio, não nos arrendados. Pode se ver que em breve merecerá o título de Sistema Agroflorestal!

O casal não para. Fazem questão de mostrar a área onde plantaram uva, aproveitando uma estrutura de madeira que já foi de algumas estufas, mas que foi levada pelo vento. É uma tentativa válida. Não é a região mais recomendada para o cultivo da uva, mas com variedades adequadas pode dar um bom resultado. Não pela alta produção, mas por chegar ao mercado em uma época de preços vantajosos. Veremos!

Após lembrar com eles toda essa trajetória, com idas e vindas, pergunto como está agora. Lia responde:

- Desde que casamos, estamos no nosso melhor momento econômico.

De fato, o mercado da banana orgânica na região cresceu significativamente nos últimos anos, chamando a atenção, inclusive, dos intermediários. Os mesmos que, quando começamos o trabalho, recusavam-se a comprar banana sem veneno, afirmando que elas apodreceriam e estragariam as vendas.

Para terminar, pergunto a eles se valeu a pena todo o esforço que, sabemos, não foi nada pequeno. Nilsinho começa:

- Hoje sei que deixar de colocar veneno é o que importa, independente para onde vai vender. Se for pra usar agrotóxico, deixo a lavoura. Sabe, acho que não adianta ir na igreja e depois matar as pessoas com veneno. Não falo isso para os outros pois não me cabe julgar. Mas é como eu penso.

Lia complementa:

- *O futuro a Deus pertence... Mas se Ele deixar, nós vamos seguir fazendo o que fazemos.*

